

Fernando Pessoa		<p style="text-align: right;"><b>1935</b></p> <p><i>Não sou maçom, nem pertenço a qualquer outra Ordem semelhante ou diferente. Não sou porém anti-maçom, pois o que sei do assunto me leva a ter uma ideia absolutamente favorável da Ordem Maçónica</i> (Fernando Pessoa)</p> <p><i>Inteligente sem maleabilidade, religioso sem espiritualidade, ascético sem misticismo...Para governar um país como chefe, falta-lhe, além das qualidades próprias que fazem directamente um chefe, a qualidade primordial – a imaginação. Ele sabe talvez prever, ele não sabe imaginar...Ele odeia os sonhadores, não, note-se bem, porque são sonhadores, mas simplesmente porque sonham</i> (Fernando Pessoa, sobre Salazar)</p>
<p style="text-align: center;"><b>Da lei contra a maçonaria à revolta de Rolão Preto</b></p>		<p>Sou um <i>nacionalista que se guia por este lema “Tudo pela Humanidade, nada contra a Nação”, anti-comunista e anti-socialista. Templário e cristão gnóstico, para poder combater sempre e em toda a parte... a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania. Salienta os seguintes traços da sua ideologia política: considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário</i> (Fernando Pessoa)</p>

● **Morte de Fernando Pessoa** – O monárquico Afonso Lopes Vieira lança, em *Éclogas de Agora*, uma violenta diatribe contra o *método geométrico, coercitivo e glacial do salazarismo*, considerado contrário ao *parentesco dos portugueses*. Fernando Pessoa, no ano em que morre, também manifesta uma inequívoca irreverência face a Salazar e ao Estado Novo, clamando por uma *Monarquia Nova* a ser intermediada por uma *República presidencialista* que deveria ser uma *República aristocrática*, capaz de conciliar a *oligarquia dos melhores* com o *Nacionalismo liberal*, promovendo uma *Teoria da República Aristocrática* (30 de Março). Leonardo Coimbra reflecte sobre *A Rússia e o Homem de Sempre*, António de Oliveira Salazar lança o primeiro volume dos seus *Discursos e Notas Políticas* e, em Lovaina, o português Francisco Inácio Pereira dos Santos publica a sua dissertação de doutoramento *Un État Corporatif. La Constitution Sociale et Politique Portugaise*, com prefácio de Georges Renard,

enquanto Francisco António Correia edita *Estudos de Política Económica Internacional*. Já o escritor José Rodrigues Miguéis (1901-1980), ligado ao PCP, passa para o exílio norte-americano, enquanto o sociólogo francês Paul Descamps, convidado pelo salazarismo, lança em Paris o relatório *Le Portugal. Sa Vie Sociale Actuelle*, de acordo com o estilo da escola de Le Play. Morre o nosso embaixador em Madrid, Melo Barreto (19 de Fevereiro), enquanto Miguel de Unamuno vem a Portugal, a convite de António Ferro, mas as suas impressões sobre o salazarismo não são favoráveis, falando numa *ditadura académica-castrense* ou *bélico-escolástica*.

● **Televisão na Alemanha e Emissora Nacional em Lisboa.** No ano em que se iniciam as primeiras transmissões regulares de televisão na Alemanha, com a emissão de paradas e comícios nazis, a partir da *Berliner Sender*, começa a funcionar no Quilhas, a Emissora Nacional, então dirigida por Henrique Galvão (4 de Agosto). Publicam-se, de Manuel Teixeira Gomes, as *Novelas Eróticas*, onde a sensibilidade do antigo presidente da república se manifesta, surge o Instituto Nacional de Estatística e inauguram-se as novas instalações do Instituto Superior Técnico, em Lisboa, onde a modernidade do Estado Novo, desencadeada por Duarte Pacheco, se manifesta, enquanto na Volta a Portugal se enfrentam os ciclistas José Maria Nicolau, do Benfica, e Trindade, do Sporting Clube de Portugal. Criada uma Liga de Acção Universal Corporativa, com João Ameal, Fernando de Campos, conde de Aurora, António de Menezes, Abílio Pinto de Lemos, Augusto da Costa e Caetano Beirão. Já Raymond Aron apresenta na Sorbonne a sua dissertação de doutoramento, *La Sociologie Allemande Contemporaine*, onde faz um violento libelo contra o positivismo durkheimiano.

● **Forças vivas e anos áureos** – Não se pense que os *anos áureos* da paz salazarista conseguiram apaziguar os conflitos de interesses entre as *forças vivas* da economia, por sinal, apoiantes do governo. Ou que o autoritarismo governamental silenciou a voz dos agentes económicos. Os anos trinta portugueses são pródigos em conflitualidades deste tipo e ainda se fala sem peias. Com efeito, o 28 de Maio, assente numa ampla base de apoio político-social, teve que derimir quotidianamente conflitos corporativistas, enquanto o aparelho de Estado vai passando progressivamente de árbitro a jogador, ocupando posições de actor na economia e na sociedade, a maior parte das vezes a solicitação dos próprios agentes económicos e parceiros sociais, incapazes de superarem consensualmente os seus conflitos de interesses. Se o Estado colonizou a sociedade, fê-lo, contudo, perante um vazio gerado pela incapacidade de auto-direcção dos grupos sociais. Porque os mais influentes temiam uma sociedade aberta nos domínios económico e social, acabou por gerar-se feudalização marcada ao ritmo da plutocracia e à sombra do protecçãoismo estadual. Assim, o nacionalismo económico dos anos trinta, nascido das guerras protecçãoistas gerou ele mesmo um protecçãoismo interno para determinados sectores, acirrando o egoísmo dos grupos em detrimento do interesse nacional, através do estabelecimento de uma economia que, apesar de ser privada, não é de mercado e que, não sendo colectivizada, tão-pouco assentou na sadia competição, ficando-se pelo hibridismo de um capitalismo de Estado, típico de todos os socialisms de direita. Salazar é o instrumento de um processo plutocrático que alguns dos assaltantes devoristas até consideram dispensável. Porque, como dirá o marquês da Graciosa sobre Salazar, *estamos fartos de ser governados pelos filhos dos nossos caseiros...*

● **Afonso Costa é demitido** das funções de consultor jurídico da Companhia dos Diamantes de Angola, por pressão do governo (Janeiro).

● **Censura** – Cerca de duzentos escritores, artistas e jornalistas reúnem-se num almoço,

como forma de protesto contra a censura (31 de Janeiro).

● **Assembleia Nacional abre** em 10 de Janeiro de 1935. O novo secretário da Assembleia Nacional é Joaquim Leitão e são nomeados cinco redactores do *Diário das*

*Sessões:* os jornalistas Leopoldo Nunes, Eduardo Burnay, Costa Brochado, Nunes Pereira e Manuel Anselmo.



● **Eleição constitucional do Presidente da República** (17 de Fevereiro) – Óscar Carmona, de acordo com o Decreto-lei nº 24 897, de 10 de Janeiro de 1935, recebe 650 000 votos a favor. É apresentado na Assembleia Nacional projecto de elevação de Carmona a Marechal. Este é discutido e aprovado no dia 10. Carmona recusa a promulgação e a Assembleia insiste com novo projecto e nova aprovação. Carmona toma posse perante a Assembleia Nacional. A cerimónia, que deveria decorrer no dia 15, é adiada por doença do empossado (26 de Abril). Carmona pronuncia um discurso radiofónico, dito de *saudação à gente portuguesa* e faz uma declaração de não pertencer a nenhuma associação secreta. Não diz, nem podia dizer, que nunca pertenceu a nenhuma (28 de Maio).

● **Maçonaria** – Lei nº 1901 sobre a extinção da maçonaria (21 de Maio de 1935). A proposta nasce do deputado José dos Santos Cabral (1885-1950), ex-nacional-sindicalista feito director-geral no novo regime, sendo apresentada em 18 de Janeiro. Artigo de Fernando Pessoa, no *Diário de Lisboa*, contra a proposta (4 de Fevereiro). Parecer da Câmara Corporativa, subscrito por Domingos Fezas Vital, Afonso de Melo Pinto Veloso, Gustavo Cordeiro Ramos, José Gabriel Pinto Coelho e Abel de Andrade, o principal inspirador do mesmo (27 de Março). O Grande Oriente Lusitano considera que parte dos elementos fornecidos ao parecer vieram de António Vicente Ferreira, então aderente ao salazarismo, maçom desde 1911 e, por quatro vezes, ministro durante a I República. Publicado o parecer (2 de Abril). Norton de Matos, então Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano apresenta a demissão (4 de Abril).

Sucede-lhe, como Grão-Mestre interino. Maurício Costa, até 19 de Maio de 1937, quando faleceu. Aprovado projecto sobre as sociedades secretas (5 de Abril). Pela Lei nº 1950, de 18 de Fevereiro de 1937, os respectivos bens passam para a Legião Portuguesa. Se o Grande Oriente Lusitano mantém clandestinamente as actividades, o Grémio Luso-Escocês aceita submeter-se à determinação da lei.

● Apesar de estar marcada para o **1º de Maio** uma manifestação conjunta de republicanos e comunistas, o Estado Novo comemora então, pela primeira vez, o Dia do Trabalho, com um cortejo em Guimarães e Salazar a difundir palestra radiofónica *Na ordem, pelo trabalho, em prol de Portugal*. As comemorações deste dia pelo regime durarão até 1939, a chamada *Festa do Trabalho Nacional*, com cortejos animados pela FNAT. Procuradores à Câmara Corporativa e representantes dos sindicatos homenageiam Carmona. A polícia política consegue, através de meios científicos e inquisitoriais, onde não faltou o próprio recurso à tortura, obter informações sobre a organização do partido comunista na Armada e prende duzentos marinheiros. No mesmo dia, no castelo de Torres Vedras, aparece hasteada uma bandeira vermelha.

● Também no Hotel Aviz em Lisboa, há um banquete de homenagem a **Cunha Leal**, a pretexto da comemoração do 2º aniversário *Vida Contemporânea*. O governo, vendo na manifestação propósitos de agitação política, volta a afastá-lo do país, sendo expulso para Espanha, donde só poderá regressar em Julho de 1936, depois de nova amnistia.

● **Remodelação** – Em 11 de Maio de 1935: Armindo Rodrigues Monteiro nos estrangeiros (Mesquita Guimarães é interino desde 27 de Março de 1935); José Silvestre Ferreira Bossa nas colónias.

● Decreto nº 25 317 prevê **saneamento de funcionários** que não derem *garantias de cooperar na realização dos fins superiores do Estado* ou *revelassem espírito de oposição aos princípios fundamentais da Constituição Política* (13 de Maio)

● **Morte de Sousa Dias** em S. Vicente de Cabo Verde, onde estava deportado, dando aulas no liceu local e residindo no Mindelo-Palácio-Hotel, depois de ter sido colocado,

sucessivamente, em S. Tomé, na ilha da Praia e na ilha de S. Nicolau (28 de Julho).

● **Inaugurada oficialmente a Emissora Nacional**, com uma direcção presidida por Henrique Galvão, com o Engenheiro Manuel Bívar e o Dr. Pires Cardoso (1 de Agosto).

● **Dia Mundial contra a Guerra e o Fascismo** (1 de Agosto). Os comunistas organizam um Dia Mundial contra a Guerra e o fascismo, com uma manifestação onde é apedrejada a embaixada italiana, protestando contra a invasão da Abissínia. Um dos organizadores da manifestação, sob as ordens de Bento Gonçalves, é Francisco Ferreira, depois chamado *Chico da CUF*.

● **Revolta de Rolão Preto** (dias 9 e 10 de Setembro). Revolta gorada, organizada pelo líder nacional-sindicalista Rolão Preto, com o apoio de Mendes Norton, monárquico, um dos conspiradores do 28 de Maio, estando previsto um ataque ao quartel da Penha de França em Lisboa. A revolta é dominada pelo capitão Monteiro Libório e graças à acção da PVDE. O comandante do aviso *Bartolomeu Dias*, que seria peça essencial para a revolta, é Henrique Correia da Silva (Paço d'Arcos), antigo ministro da I República, que se encontrava doente, mas que se dirige ao navio e controla a situação, pondo-se ao lado do governo. Rolão Preto regressara do exílio, sendo-lhe oferecido um banquete (24 de Fevereiro)

● Segundo nota oficiosa de Salazar, estariam na base do processo *entendimentos estabelecidos entre indivíduos de antigos partidos, militares demitidos das velhas revoluções e elementos das chamadas direitas*. Os golpistas queriam a manutenção de Carmona e a demissão do Presidente do Conselho e de alguns ministros. Entre outros implicados, destacam-se os nomes do tenente-coronel Manuel Valente, antigo implicado nas incursões monárquicas, do capitão Alcídio Lopes de Almeida, do capitão Artur Rebelo de Almeida e do dr. Alçada Padez.

● **Morte Fernando Pessoa** em 30 de Setembro. O nosso Camões do século XX, nascido em 13 de Junho de 1888 morre praticamente incógnito, dado que as suas principais obras continuarão cerradas na arca dos que têm razão antes do tempo, escapando às lentes analíticas dos aparelhos culturais das épocas onde têm de viver. Aquele que,

para poder escrever, teve que ser empregado de uma agência de publicidade, não teve nenhum Mecenas capaz de lhe dar uma fonte de rendimentos similar à que auferem os muitos escribas que dele, depois, se vão alimentar, como peça de museu.

● **Comunistas** – Detenção de vários oposicionistas, principalmente membros do partido comunista (11 de Novembro), como o secretário-geral Bento Gonçalves, José de Sousa e Júlio Fogaça. Nesse ano há duas delegações de comunistas que se deslocam à URSS: Bento Gonçalves, Pavel e Manuel Roque Júnior, para o VII Congresso da Internacional Comunista (25 de Julho a 21 de Agosto). E Álvaro Cunhal, Florindo de Oliveira, Francisco Miguel, José Gregório, José de Sousa e Domingues dos Santos, para o VI Congresso da Internacional da Juventude Comunista.

● Os **anarco-sindicalistas** da CGT voltam a publicar o jornal *A Batalha* e anima as Juventudes Libertárias, associações recreativas e esperantistas e a chamada Universidade Popular Portuguesa.

● Conselho de Ministros em 10 de Setembro emite nota oficiosa onde dá conta de uma **carta que Paiva Couceiro** tinha dirigido ao capitão Mário Pessoa e que este divulga. Nela se critica virilmente o governo, principalmente no tocante à política colonial e, sobretudo, à situação angolana. O governo resolve, então, *proibir ao sr. Paiva Couceiro a residência em território nacional durante o prazo de seis meses*. As virtudes da coragem e da honra parecem não poderem ser suportadas pelo novo regime, tal como as historiografias pretensamente antifascistas e as comissões que dão nome a ruas e escolas parecem não assumir a verdade, ao silenciarem que o pioneirismo oposicionista face ao salazarismo não deixou de pertencer a uma direita coerentemente monárquica e liberal, mas, acima de tudo, ardentemente marcada pelo sonho de uma certa ideia de Portugal.

● **Salazar visto por si mesmo** – No prefácio a um livro de António Ferro, publicado em 1935, Salazar vai perspectivar a sua ascensão ao poder da seguinte forma: *este homem que é Governo não queria ser Governo. Foi deputado; assistiu a uma única sessão e nunca mais voltou. Foi ministro; demorou-se cinco dias, foi-se embora e não queria mais*

*voltar. O Governo foi-lhe dado, não o conquistou, ao menos à maneira clássica e bem nossa conhecida: não conspirou, não chefiou nenhum grupo, não manejou a intriga, não venceu quaisquer adversários pela força organizada ou revolucionária.*

📖 Anais da Revolução Nacional (III): 350, 357, 366; Antunes, José Freire (2003): 589; Brochado, Costa (1987): 141, 142, 378; Costa, Ramiro da (II): 54; Brochado, Costa (1987): 188; Rosas, Fernando/ Brito, A. Brandão de (*Dicionário do Estado Novo*); 538, 539; Martins, Francisco Rocha (*A Europa em Guerra*, II): 646, 648, 652, 655, 656; Medina, João de: 45; Nunes, Leopoldo: 209, 215, 217, 218, 223, 224; Pessoa, Fernando (Joel Serrão, *Da República*, 1978): 393, 394; (António Quadros, *Páginas de Pensamento Político*, I): 24, 25;